



P R E S S R E L E A S E

Paris, 22 de Janeiro 2013

## **Conferência Risco País 2013: A crise na Europa está longe de terminar para as empresas**

**Nota: A Avaliação do Risco País da Coface** mede o nível médio de incumprimento apresentado pelas empresas de um determinado país, no âmbito das suas transacções comerciais. Esta classificação não contempla a dívida soberana. Para determinar a Avaliação do Risco País, a Coface combina as perspectivas económicas, financeiras e políticas do país, a sua experiência de pagamentos e a avaliação do ambiente de negócios. As avaliações têm uma escala de sete níveis: A1, A2, A3, A4, B, C, D e podem ser colocadas sob vigilância negativa.

Com base no contacto diário com empresas em todo o mundo, a Coface estabeleceu um cenário cauteloso para a economia global em 2013. A recuperação dos países industrializados está ainda refém da dívida pública e privada. Para além disso, a confiança das famílias e das empresas não foi restabelecida dado o agravamento da situação dos mercados laborais e as incompletas reformas institucionais na Europa. A falta de visibilidade sobre a política orçamental dos Estados Unidos pode também ter impacto no crescimento Americano. A Coface prevê a continuidade da recessão a -0.1% na Zona Euro, com uma contracção persistente na actividade no Sul da Europa. O crescimento nos EUA irá abrandar para +1.5%, enquanto que os países emergentes terão um crescimento saudável e sustentado em +5.2%.

No que respeita à avaliação dos países individualmente, as avaliações de Itália e Espanha foram revistas em baixa pela segunda vez neste ano, enquanto que a avaliação de A1 do Japão foi colocada sob vigilância negativa, dado o impacto das exportações em queda, particularmente para a China. Entre os países emergentes, a Coface reviu em alta a avaliação da Indonésia que tem demonstrado uma resistência considerável à recessão nos países desenvolvidos. Em contraste, a avaliação de risco país para a Índia foi revista em baixa para A4, uma vez que o “modelo indiano” está a ser seriamente questionado.

*“A probabilidade de uma crise sistémica na Europa está cada vez mais afastada, o que são boas notícias. Contudo, a actividade na Zona Euro continuará a contrair-se em 2013. A moderação no consumo, a austeridade orçamental e a retracção do mercado de trabalho, com empresas testadas de forma significativa na recessão de 2009, conduziram a inúmeras e dispendiosas situações de insolvência. Reconhecidamente, a crise financeira está em vias de ser resolvida, mas a crise na economia real, ilustrada pela persistente fragilidade das empresas, não terminará em 2013”, afirma Jean-Marc Pillu, CEO do Grupo Coface*

## **As empresas Europeias continuam a lutar para sobreviver**

A situação ainda é fonte de preocupação para as empresas Europeias, apesar do risco da crise sistémica na Europa ter diminuído e das exportações terem sido retomadas de forma encorajadora no Sul da Europa. Os progressos insuficientes nas reformas das instituições Europeias, o rápido agravamento do mercado laboral e o peso das dívidas públicas e privadas estão a minar a confiança dos actores da economia real, que “pressionaram o botão de pausa” e aguardam por mais informação.

À luz desta situação de deterioração, a Coface reviu em baixa as avaliações de **Itália e Espanha** para B, após anterior redução para A4 realizada há um ano e a vigilância negativa implementada em Julho de 2012. A actividade nestas duas economias no coração da Zona Euro irá contrair-se em 2013: -1% em Itália e -1.5% em Espanha. A Coface acredita que outro ano negro se avizinha para as empresas em Espanha e Itália, que enfrentam um número ininterrupto de insolvências e o crédito bancário cada vez mais escasso.

## **Os países emergentes enfrentam a tempestade...**

Com a deteriorização dos riscos nos países desenvolvidos, que não abranda desde 2008, prossegue a recuperação gradual nos países emergentes. A Coface atribui a nova hierarquia de risco a uma maior resistência das nações emergentes às crises externas, como resultado de políticas económicas mais adequadas e prudentes. Para além disso, o crescimento económico nos países emergentes beneficia da expansão ininterrupta das suas classes médias.

Consequentemente, a Coface reviu em alta as avaliações da **Indonésia para A4** e colocou a avaliação B para as **Filipinas** sob vigilância positiva. Com pouca correlação com a recessão Europeia, elevado crescimento e progressos nas finanças públicas e nos seus sectores bancários, os riscos foram significativamente reduzidos em ambas as economias.

## **... embora os riscos não tenham sido extintos**

Contudo, a Coface continua a avisar as empresas dos riscos persistentes nos países emergentes. Regista-se ainda tensão política e social, juntamente com omissões ao nível da governação. Uma classe média profundamente em expansão é mais exigente em termos legais, medidas anticorrupção, liberdade e transparência. As instituições políticas nos países emergentes estão a ser desafiadas para se adaptarem à nova realidade.

- A avaliação A3 para a **África do Sul** foi colocada sob vigilância negativa devido ao aumento do risco de agitação social, que é incompatível com o atingimento de uma melhor taxa de crescimento, em comparação com a média dos países emergentes.



## P R E S S R E L E A S E

- O ritmo lento das reformas, as deficiências nas infraestruturas e a inabilidade do governo em responder às novas expectativas da classe média, juntamente com um crescimento muito abaixo do seu potencial, conduziram a um aumento dos níveis de dívida das empresas. Estes factores motivaram a Coface a rever em baixa a avaliação global da **Índia para A4** e a avaliação específica do seu ambiente de negócios para **B**.
- A **República Checa** e a **Eslovénia**, que estão dependentes da quebra da procura na Europa Ocidental, viram a sua avaliação A3 ser colocada sob vigilância negativa. Uma **Polónia** menos aberta está a começar a ser afectada pela recessão Europeia. O abrandamento na actividade e a fragilidade do sector da construção, levaram a Coface a colocar a sua avaliação A3 sob vigilância negativa.
- A persistente tensão política explica a remoção da vigilância positiva na avaliação D para a **Costa do Marfim**.

### CONTACTOS COM OS MEDIA:

Cláudia MOUSINHO - T. +351 211 545 400 – [claudia\\_mousinho@coface.com](mailto:claudia_mousinho@coface.com)

### Sobre a Coface

O Grupo Coface, líder mundial em seguro de crédito, oferece às empresas em todo mundo soluções para protegê-las do risco de incumprimento financeiro dos seus clientes, tanto no mercado doméstico como na exportação. Em 2011, o Grupo registou um volume de negócios consolidado de €1.6 mil milhões. Cerca de 4.600 colaboradores em 66 países do mundo garantem a prestação de um serviço local. A cada trimestre a Coface publica as suas avaliações de risco país para 157 países, com base no seu conhecimento exclusivo do comportamento de pagamento das empresas e na experiência dos seus 350 analistas de risco. Em França, a Coface gere as garantias públicas à exportação em nome do Estado Francês. A Coface é uma subsidiária do Natixis, cujo rácio de Core Tier 1 era de 10,2% no final de Dezembro de 2011.

[www.coface.com](http://www.coface.com)

[www.cofaceportugal.pt](http://www.cofaceportugal.pt)

ANEXO

ALTERAÇÕES NAS AVALIAÇÕES DE RISCO PAÍS		
REVISTAS EM BAIXA		
PAÍS	AVALIAÇÕES ANTERIORES	DECISÕES JANEIRO 2013
ITÁLIA	A4↓	B
ESPANHA	A4↓	B
REPÚBLICA CHECA	A3	A3↓
POLÓNIA	A3	A3↓
ESLOVÉNIA	A3	A3↓
JAPÃO	A1	A1↓
ÍNDIA	A3↓	A4
ÁFRICA DO SUL	A3	A3↓
COSTA DO MARFIM	D↗	D
REVISTAS EM ALTA		
ISLÂNDIA	A4	A4↗
INDONÉSIA	B↗	A4
FILIPINAS	B	B↗
ALTERAÇÕES NAS AVALIAÇÕES DE AMBIENTE DE NEGÓCIOS		
REVISTAS EM BAIXA		
ÍNDIA	A4↓	B